

EDITORIAL

O Profeta João Batista é uma figura importante no Novo Testamento, pois ele faz a ponte entre o Antigo Testamento (o tempo da promessa) e Jesus (o tempo da realização). É desta forma que Lucas divide a história: “*A Lei e os Profetas até João! Daí em diante é anunciada a Boa-Nova do Reino de Deus...*” (Lc 16,16).

É um dos poucos personagens bíblicos do qual temos informações dos vários períodos da sua vida: nascimento, infância, atividade pública, morte e do movimento ao qual pertenceu. Talvez o brilho de seu testemunho e ação tenha sido ofuscado pelo Mestre Jesus Cristo, a quem preparou o caminho, pois, mesmo com tanta importância, João Batista e sua atividade aparecem quase sempre em função de Jesus.

João Batista surge no tempo (*kairós*) oportuno. Tempo do vazio, da crise, da espera... O Salmo 74 já trazia este lamento “*Já não vemos mais sinais, não existem mais profetas*” (Sl 74,9); esperava-se pela vinda de algum Profeta (1Mc 4,46; 9,27; 14,41). Era como se “os céus tivessem se fechado”. E o último livro do Antigo Testamento terminava justamente anunciando o retorno de Elias, o advento do tempo messiânico (Ml 3,23-24). Seu surgimento irrompe como boa notícia da parte de Deus, pois é o retorno da voz profética.

É o Profeta João Batista quem prepara o caminho de Jesus (Mt 3,1-12; Lc 3,1-18). É ele quem batiza as multidões e o próprio Jesus é batizado por ele (Mt 3,13; Mc 1,9; Jo 1,29). É também João Batista quem dá testemunho e indica: “*Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*” (Jo 1,29).

Foi fiel à missão à qual foi chamado e por isso chegou a ser confundido com o próprio Cristo. No entanto, é ele mesmo quem corrige esta interpretação, afirmando categoricamente: “*Não sou eu o Cristo, mas sou enviado adiante dele!*” (Jo 3,28), pois não se considerava nem digno de “desatar a correia da sandália” (Jo 1,27).

João Batista é o Elias que havia sido prometido, pois segundo Jesus “*Elias já veio*” (Mc 9,13; Mt 17,13). Ao saber da prisão de João, Jesus foi para a Galileia e iniciou sua atividade (Mc 1,14). E, se João Batista deu testemunho do Cristo, o próprio Jesus também deu testemunho do Profeta: “*entre os nascidos de mulher, não surgiu nenhum maior que João, o Batista*” (Mt 11,11).

Com este número queremos prestar uma homenagem a João Batista, sua vida, missão e movimento. É isto que os articulistas procuram expressar em seus artigos:

Luiz Alexandre Solano Rossi analisa o último texto de Malaquias (e também do Antigo Testamento na Bíblia cristã) e sua ligação com o Profeta João Batista, sobretudo como este é interpretado como o “retorno de Elias”. Elias e João Batista estão pre-

sententes na memória do povo como agentes de Deus que em situações de desordem e caos social se posicionam ao lado dos mais vulneráveis da sociedade. Pessoas que não se sujeitam ao centro do poder, mas, ao contrário, criticam-no intensamente. O local privilegiado da ação deles é a partir da periferia. Nesse ambiente, discursos e práticas são construídos e alimentados a fim de construir a identidade do povo de Deus.

Ildo Perondi aborda o anúncio do nascimento de João Batista (Lc 1,5-25) e seus desdobramentos: a visita de Maria a Isabel, o nascimento, a circuncisão e seu crescimento. Os fatos analisados são vistos não tanto do ponto de vista histórico, mas literário e teológico na obra de Lucas. É isso que o autor do terceiro Evangelho faz: mostrar como os acontecimentos se inserem no plano da Salvação e que culminam no cumprimento das promessas messiânicas com a vinda do Salvador.

Vicente Artuso apresenta Jesus sendo batizado por João Batista, segundo o Evangelho de Mateus (3,13-17), como a inauguração do novo tempo messiânico e o retorno da profecia com os céus que voltam a se abrir. Ungido pelo Espírito, Jesus confirma que veio para cumprir toda a justiça e solidarizar-se com as multidões que buscavam a conversão e o arrependimento dos seus pecados. No batismo, Jesus ouve a voz celeste “Tu és o meu Filho Amado” e com isso assume também a missão de Servo obediente para cumprir toda a vontade de Deus e finalmente ser exaltado.

Alfredo dos Santos Oliva baseia-se no teólogo Moltmann para analisar o batismo de Jesus realizado por João, em Mc 1,1-18, e procura entender o significado da efusão do Espírito Santo sobre o Messias. E então faz uma interessante reflexão sobre como os cristãos pentecostais e carismáticos interpretam o batismo no Espírito e que consequências este entendimento poderia ter num engajamento pastoral destes grupos no mundo de hoje.

Tomaz Hughes escreve sobre a pregação de João Batista, que faz um forte apelo à conversão e mudança de vida. O Profeta é a “voz que clama no deserto” e seus ataques dirigem-se, sobretudo, a dois grupos influentes da época: os fariseus e saduceus. Na sua pregação às multidões que o procuram, o Precursor do Messias não convida o povo à prática dos sacrifícios, mas à mudança de vida em vista do Reino de Deus que está chegando. O autor ainda faz uma importante atualização da pregação de João tão válida e oportuna para os nossos dias.

Marciano Monteiro da Silva aborda a figura de João Batista no quarto Evangelho. O Precursor é enviado pelo Pai para dar testemunho da Luz, o Messias esperado, e vem para ser a voz profética em favor da revelação de Cristo e preparar a manifestação a Israel daquele que viria depois dele (Jo 1,31). É João Batista também quem indica o Cristo como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo e encaminha seus discípulos para o verdadeiro Mestre. Ele pode então afirmar: “É necessário que Ele cresça e eu diminua” (Jo 3,30). Seu ministério recebeu aprovação não só de Cristo, mas o povo reconhece que suas palavras são verdadeiras: “Este homem não fez sinal algum, mas tudo que ele disse acerca de Jesus é verdade” (Jo 10,41).

Elenira Cunha apresenta um estudo sobre a morte de João Batista com muitas informações e dados históricos sobre o grupo de pessoas presentes naquele “banquete da morte” que culminou com a cabeça do Profeta sendo apresentada numa bandeja. A narrativa do episódio da morte de João Batista, presente nos evangelhos sinóticos, é complexa, pois envolve um fato e personagens históricos, ao mesmo tempo em que os autores dos evangelhos farão sua própria interpretação dessa realidade. A autora mostra também o amplo destaque que a literatura deu ao fato e, sobretudo, a Salomé, personagem importante no relato.

Carlos Jeremias Klein foi buscar fora da Bíblia, seja em Qumran como em Flávio Josefo, ou na literatura cristã primitiva, inclusive na Patrística, nos Pais anteriores ao Concílio de Niceia (do ano 325), e até no Alcorão, elementos e relatos que mencionam a figura de João Batista e sua atividade profética. Com isso nos dá um panorama histórico por onde a figura e a mensagem de João Batista transitaram e assim podemos constatar que o Batista não se limitou a ser somente o precursor do Messias.

José Adriano Filho apresenta um estudo de Mt 11,2-9, cujo texto narra a embaixada dos mensageiros de João Batista que vão colher informações sobre Jesus. É um encontro de dois profetas rejeitados (João Batista e Jesus), devido às suas opções. A pergunta dos mensageiros é respondida por Jesus através de um convite para que eles vejam o que Jesus faz, provocando um silêncio. Da mesma forma, após a partida dos emissários, Jesus confronta as multidões com perguntas acerca de quem é João. O autor procura ainda a influência desta passagem para a comunidade para a qual Mateus dirigiu seu Evangelho em confronto com a comunidade dos discípulos de João que ainda viviam o silêncio, a dúvida e a insegurança com o desaparecimento do seu líder.

Antonio Luiz Catelan Ferreira faz uma reflexão teológica sobre o batismo cristão que recebeu uma influência direta de João Batista e de seus seguidores e procura pelos elementos, raízes e características neotestamentárias do batismo no início do cristianismo. O único elemento invariável nesses testemunhos é o uso ritual da água, e os testemunhos sobre a prática batismal cristã contêm variantes consideráveis quanto ao rito, como também quanto ao seu significado. Tudo isto faz com que os fundamentos escriturísticos do batismo sejam objeto de discussões entre os exegetas em que a unanimidade é coisa rara.

Não pretendemos esgotar o assunto aqui. João Batista é grande – já dizia Jesus! É maior do que isso. É possível que seu modo de ser e viver, às vezes um pouco radical nas palavras, e seu estilo de vida austero (vestindo peles de animais, comendo animais selvagens), além da vida solitária no deserto, faça dele um homem um pouco estranho e não desperte muito entusiasmo para imitá-lo nos dias de hoje. Porém, ao mesmo tempo, a beleza do relato do seu anúncio e nascimento, a sua fidelidade à missão, a coragem de anunciar e denunciar, a perseverança e humildade em relação a Cristo façam com que olhemos para ele com carinho e admiração.

No imaginário do povo e nas nossas comunidades, João Batista é muito lembrado, seja nas celebrações religiosas ou nas festividades populares. É o único santo na

Igreja do qual se celebra seu nascimento e também a sua morte. São João Batista é o nosso “santo das fogueiras”, que ardem nas noites das festas juninas e que simbolizam a Luz de Deus. Junto com São Pedro e Santo Antônio alegam as multidões de brasileiros nas noites frias, onde o povo celebra e agradece sempre com muita criatividade, cantos, danças, brincadeiras e gostosas guloseimas.

Ildo Perondi